

Trama & miragem

“O olho cambiante transforma tudo”
William Blake

Antes de que a aura da imagem fosse destronada pela fotografia com seu universo da reprodução, a gravura já praticava a multiplicação visual, colocava em pauta a essência controversa das cópias. Há décadas, Regina Silveira vem construindo um heterodoxo acervo artístico no qual a comunhão da gravura, a fotografia e a imagem digital (entre outros destinos de impressão) fornece um território híbrido que mexe com a aura estabelecida e territorial das imagens e suas origens.

De fato, a gravura exploratória da artista não renuncia a nada, ela abriga características deste registro até ignotos confins, como uma expansão gráfica que responde à implosão do meio. A presença de outros tratamentos da imagem -sem o *pedigree* do moderno e que fazem parte da indústria contemporânea da visão- revoluciona o *pathos* e o *ethos* desta poética -tanto o repertório, os elos, como a praxe, o processo-, o que não deixa ao selo historicista da gravura ser marca exclusiva, índice do arcaico. Trata-se de uma imagética que respira uma polissemia de preocupações, além das linguagens convencionais, a serem contempladas com outros olhos cambiantes (o que se oferece de forma representativa nos espaços do Museu da Chácara do Céu).

Nesta produção reconhecidamente expandida de Regina Silveira, *Blue skies* (2015) - título em total sintonia com o nome do museu - se situa como emblema pelas diferentes aproximações visuais que permite, pois constrói um limiar perceptivo elaborado para que o pixel do bordado desta gravura antiga a sua leitura plena, à altura da imaginação, e no deserto do real, adquira qualidade de miragem gráfica. Aliás, a estrutura do próprio bordado, de alguma forma, já é uma matriz da imagem digital, segundo reconhece a artista. Trama que está não só nesta gravura com sete cores, como chega a outros trabalhos e suportes (prints digitais, impressões sobre alumínio, objetos ou à carroceria do ônibus, numa verdadeira volta de parafuso de coordenadas e dimensões), e onde sempre se propõe outro contrato social com as imagens: uma mudança-negociação de imaginários, experiência estética e de nosso próprio lugar e relação.

Dai também que não se esconda em *Blue Skies* a sua construção, mostrando a sua feitura nua, em descoberto, sem fechar, em parte porque é uma situação poética -a construção de nuvens, uma correspondência celeste habitual no repertório da artista- que joga com a própria fenomenologia da imagem (com a sua construção e percepção ao unísono, como meta-poética), sendo ao mesmo tempo serigrafia, *pixel*, costura numa outra arquitetura cognitiva; assim como é uma ironia visual o *gap* produzido conscientemente com a exposição da tarefa (tecido virtual) e a inclusão do objeto agulha (fidedigno) que, simuladamente, a produz. Como iconografia artística contemporânea que embaralha de novo as categorias, ela já é signo de nosso tempo mais problemático que daquele unidimensional de outrora.

Adolfo Montejo Navas